

A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR: UMA REFLEXÃO SOBRE A (DES)IGUALDADE SOCIAL

Clarice Lispector's The hour of the star: a reflection on social (in)equality

*Shirley Maria de Jesus**

RESUMO: Este trabalho tem a finalidade de mostrar como os estudos do discurso podem tratar da questão da exclusão do outro na Literatura, a partir da obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector (2006). Para tanto, serão retomadas as reflexões de Barros (2015), Hall (1999) e Landowski (2012). Trataremos, assim, das relações entre identidade, intolerância e exclusão, com o objetivo de mostrar a exclusão do diferente como sanção pragmática nos discursos intolerantes.

Palavras-chave: Exclusão social, intolerância, identidade, desigualdade, sanção pragmática.

ABSTRACT: *The purpose of this research is to show how studies on discourse can deal with the issue of the exclusion of the other in literature, through the analysis of Clarice Lispector's The Hour of the Star (2006). For that, the reflections of Barros (2015), Hall (1999) and Landowski (2012) will be summarized. The relations between identity, intolerance and exclusion, will be dealt with in order to show the exclusion of difference as a pragmatic sanction in intolerant discourses.*

Keywords: *Social exclusion, intolerance, identity, (in)equality, pragmatic sanction.*

* Doutoranda em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) em 2002. Graduada em Letras pela PUC-MG em 1999. Pós-graduada em Consultoria Empresarial pelo Centro Universitário Newton Paiva em 2006. E-mail: linguaportuguesa.shirleymaria@gmail.com

Introdução

Este artigo objetiva compreender como se dão as relações entre identidade, preconceito, intolerância e exclusão daquele que é estigmatizado como diferente, tanto como operação de triagem, quanto como sanção pragmática nos discursos preconceituosos. A finalidade é mostrar como os estudos do discurso podem tratar da questão da exclusão do outro na obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector (2006), a partir das reflexões de Barros (2015), Hall (1999) e Landowski (2012). Inicialmente, apresentaremos a sinopse da obra.

1 *A hora da estrela*: uma abordagem sobre a exclusão

Clarice Lispector, de origem ucraniana, aclamada pela crítica brasileira, abordou questões filosóficas profundas como a verdade e a condição humana em seus romances, em seus contos e em suas crônicas. São reflexões despertadas a partir de um fato aparentemente banal, mas que se apresenta, posteriormente, como produto incontrolável de um fluxo de consciência tortuoso e, às vezes, doloroso. E é precisamente nesses momentos que a obra de Lispector (2006) revela-se em toda a sua beleza e profundidade.

Em *A hora da estrela*, obra publicado pela primeira vez em 1977, a autora, em seu último livro divulgado em vida, coerente com sua temática costumeira, brinda-nos com uma personagem denominada Macabéa – nordestina, simples e anônima –, que fora criada por uma tia beata após a morte dos pais quando tinha dois anos de idade. A protagonista passa a acumular em seu corpo franzino, “herança do sertão”, todas as formas de repressão cultural. Isso a deixa alienada de si e da sociedade, fato que ela não traduz tão claramente, mas que não deixa de ser referenciado pelo narrador: “pois que vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende. Só que ela não sabia qual era o botão de acender. Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável”. (LISPECTOR, 2006, p. 33)

Macabéa deslocou-se de Alagoas para o Rio de Janeiro, onde passou a viver com mais quatro colegas na rua do Acre. Trabalhou como datilógrafa e vivenciou um namoro “ralo” com o paraibano Olímpico de Jesus, que procurava ascensão social a qualquer preço.

Macabéa nada possuía nesse sentido para ser a namorada “apropriada” para ele e o perde para sua colega Glória, detentora dos atrativos materiais que ele ambicionava. O paraibano, durante toda a narrativa, mostra sua ambição e, por isso, vê, em Glória, uma oportunidade para alcançar seus desejos – “Ele pensou: pois não sou um vencedor? E agarrou-se em Glória com a força de um zangão, ela lhe daria mel de abelhas e carnes fartas. Não se arrependeu um só instante de ter rompido com Macabéa pois seu destino era o de subir para um dia entrar no mundo dos outros. Ele tinha fome de ser outro.” (LISPECTOR, 2006, p. 80) Na narrativa, temos a oportunidade de notar que Olímpico tende a construir posições de sujeito para as mulheres (Macabéa e Glória), tomando a si próprio como ponto de referência.

Depois dessa perda, Macabéa foi procurar consolo na cartomante, que lhe reforçou a “nostalgia do futuro”, e, quando seria feliz, foi atropelada por um luxuoso Mercedes Bens. Ferida de morte, a personagem vomitou uma “estrela de mil pontas”¹. Nesse momento, mascarada pela rotina do dia a dia, a personagem teve um momento de epifania que está bem representado pelo atropelamento – a “estrela” libertou-se e passou a brilhar, livre da escuridão noturna e da cegueira em que todos nós vivemos. A morte simboliza a hora de a estrela brilhar em todo o seu esplendor. Essa é a “hora da estrela” de cinema, onde ela vai ser “tão grande como um cavalo morto”. (LISPECTOR, 2006, p. 62). E é também a hora da morte do narrador – identificado com a escrita do romance que se acaba.

Feita a síntese da obra, podemos dizer, ainda, que Lispector (2006) organiza o texto em ritmo lento, para contrastar com o movimento da vida nas grandes cidades, e lança seu olhar, principalmente, sobre a vida daqueles que vivem à margem da sociedade sem conhecer ao certo qual o seu papel nessa sociedade classista. E, ao abordar isso, esbarra na questão da exclusão – temática estudada por diversas disciplinas, inclusive, pela Análise do Discurso.

2 A questão identitária em *A hora da estrela*

¹ O surrealismo desta passagem revela-nos que a narrativa vai surgindo à mercê do fluxo de consciência do narrador.

O narrador de *A hora da estrela* apresenta a personagem Macabéa de forma rude na maioria das vezes, mas também, às vezes, se compadece dela. Trata-se de uma personagem que não sabe quem é, qual a sua utilidade e por que se encontra no mundo – “Nunca pensara em “[...] eu sou eu”.” (LISPECTOR, 2006, p. 42). E, portanto, nunca pensara em identidade (individual ou coletiva). Segundo Hall (1999), as identidades modernas, no sentido de representações, estão sendo descentradas, deslocadas ou fragmentadas em virtude da mudança estrutural sofrida pelas sociedades a partir do século XX. Diferentes épocas, obviamente, implicam diferentes formas de representação das identidades nos espaços em que se reconstróem. De acordo com o autor (1999), a fragmentação, enquanto um processo de transformação que muda identidades pessoais, desestruturando a ideia de sujeitos integrados, passa pelo gênero, classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade.

Se pensarmos, a partir desses aspectos, na personagem Macabéa, notamos que ela não se integra na sociedade da qual faz parte. Ela é rejeitada por aqueles que a rodeiam (o patrão; a colega de trabalho, Glória; o namorado Olímpico; e as companheiras de quarto). Sua rejeição dá-se por sua forma física, sua origem nordestina, sua incompetência profissional, sua inadequação social, sua falta de higiene pessoal, entre outros. Todos esses fatores contribuem para que a personagem seja deslocada de sua sociedade, por forças internas e externas, e desumanizada – “Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro.” (LISPECTOR, 2006, p. 30-31)

Hall (1999, p. 10) trabalha com três concepções de identidade, a saber: *identidade do sujeito do iluminismo*, *identidade do sujeito sociológico* e *identidade do sujeito pós-moderno*. Neste trabalho, entretanto, analisaremos apenas a *identidade do sujeito sociológico*, por acreditarmos que ela se adequa mais ao contexto sociocultural da personagem Macabéa.

De acordo com Hall (1999, p. 10), a noção de *sujeito sociológico* implica falta de autonomia e de autossuficiência desse. Trata-se, portanto, do *sujeito* constituído na relação com outras pessoas que regulam valores, sentidos e símbolos da cultura na qual se inserem – concepção interativa da identidade e do eu no mundo moderno. Se analisarmos Macabéa por esse viés, iremos notar que, em seu trabalho, ela não era autossuficiente (“Por ser ignorante

era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra [...]” (LISPECTOR, 2006, p. 14)); dentro dos valores de beleza estabelecidos pelas atrizes de cinema que ela admira, a personagem encontra-se longe de parecer-se com alguma delas (“Que não se esperem, então, estrelas no que se segue: nada cintilará, trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos.” “[...] ela que de aparência era assexuada.” “Eu bem sei que dizer que a datilógrafa tem o corpo cariado é um dizer de brutalidade pior que qualquer palavrão.” “Subproduto”. “[...] grotesca [...]” (LISPECTOR, 2006, p. 15, 39, 40, 72, 105)) E, em relação a valores socioculturais, notamos que Glória, por ser “carioca da gema”, despreza Macabéa, que, inclusive, vê-se desprezada pelo próprio namorado Olímpico, um nordestino como ela, mas que fez questão de trocar um dente saudável por um de ouro para destacar-se socialmente. A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos étnicos – são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares (“O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país.”). (LISPECTOR, 2006, p. 72)

Para Hall (1999, p. 11-12),

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Se a identidade de Macabéa, de maneira simplista, é uma “sutura” entre seu mundo e o do outro, urbano e elitista, notamos que ocorre a rasura na *identificação*² (HALL, 1999) dessa personagem, já que o seu lugar de origem não é contemplado, respeitado ou reconhecido de modo geral pelas pessoas com as quais ela se relaciona e, ao mesmo tempo, com a sociedade como um todo. Isso faz com que as mudanças estruturais e institucionais entrem em colapso,

² Hall (1999) trabalha com o termo *identificação* por considerar que a identidade é um processo sempre em construção.

tornando a *identidade sociológica* de Macabéa cambiante em relação ao modo como é representada e, até mesmo, interpelada nos sistemas culturais que a rodeiam, pois, assim como ela,

[...] há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (LISPECTOR, 2006, p. 13)

[...] Quero neste instante falar da nordestina. É o seguinte: ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzira-se a si. (LISPECTOR, 2006, p. 18)

A partir da perspectiva de Hall (1999), podemos pensar em Macabéa como um sujeito fragmentado e em confronto com possíveis identidades às quais não consegue se ajustar. E isso faz com que a exclusão social que a transforma em vítima sirva de contraponto para a defesa, ainda que velada, de uma sociedade mais igualitária. Por certo, a estratégia utilizada por Lispector (2006) foi a de revelar cruamente todo o abandono e a violência a que estava sujeita aquela jovem, igual a tantas outras, para, a partir disso, despertar no leitor a sensação de inadequação daquela realidade. E, na narrativa, notamos, ainda, a importância do nível psíquico, enquanto uma dimensão, juntamente com a simbólica e a social, para buscar *identificação*³ de Macabéa. Vejamos o seguinte trecho: “E quando acordava? Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser.” (LISPECTOR, 2006, p. 43)

Há de se observar, ainda, que é mais difícil para Macabéa que para Olímpico ser aceita e respeitada como uma individualidade dentro da coletividade. Macabéa é excluída da sociedade por sua origem, classe social e falta de acesso à cultura, o que a fragiliza ainda mais. E, mesmo que Olímpico compartilhe com Macabéa vários dos fatores que acarretam a exclusão social, como a origem e a classe social, em nenhum ponto da narrativa, ele é visto como alguém que esteja totalmente à margem da sociedade. Na realidade, ele passa à

³ Para Hall (1999), a construção da identidade é um processo constante. Daí o emprego do termo *identificação* pelo pesquisador.

condição de um dos discriminadores de Macabéa, seja pelas constantes agressões verbais a que a submete, seja pelo desprezo que passa a sentir por ela, lançando-a, ainda mais fundo, no limbo dos irrelevantes e sem futuro.

[...]

- [...] Sabe que Marylin era toda cor-de-rosa?

- E você tem cor de suja. Nem tem rosto nem corpo para ser artista de cinema. (LISPECTOR, 2006, p. 65)

[...]

- [...] Você não vai entender mas eu vou lhe dizer uma coisa: ainda se encontra mulher barata. Você me custou pouco, um cafezinho. Não vou gastar mais nada com você, está bem?

Ela pensou: eu não mereço que ele me pague nada porque me mijei. (LISPECTOR, 2006, p. 67).

Assim, ao cotejarmos Macabéa e Olímpico, notamos o seguinte: a *identificação* (HALL, 1999) também está vinculada às condições sociais e materiais; e é marcada pelo gênero.

Ao voltarmos nosso olhar para a personagem Macabéa, compreendemos, portanto, que se identificar com o que de fato ela é é um processo difícil para ela, mas, apesar de não saber qual botão deve acender neste mundo que ela não compreendia muito bem, isso não a impede de tentar acioná-lo. E ela o fará, de certo modo, ao buscar sua *identificação*. E o espelho do banheiro do escritório onde trabalha servirá como ponto de partida nesse processo. A personagem, por meio de seu reflexo, será capaz de vislumbrar dois momentos que denotam *identificações* (HALL, 1999) distintas: a atual e a desejada. Vejamos, primeiramente, como ela se vê em sua condição social real:

Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma. Sumira por acaso a sua existência física? Logo depois passou a ilusão e enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão. Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem. (LISPECTOR, 2006, p. 27-28).

O reflexo de Macabéa denota a mulher sem atrativos, sem atributos físicos que justificassem sua aceitação. Em outras palavras, nem como objeto sexual a jovem consegue justificar sua acolhida no seio da sociedade. Mas, após o rompimento com Olímpico, outra *identificação* será desejada ao pintar os lábios de vermelho diante do espelho: a da estrela Marilyn Monroe,

a brilhante e cintilante estrela da beleza e da ascensão social, reconhecida por todos. Das entranhas da esquelética alagoana, portanto, Clarice Lispector (2006) faz brotar Marilyn Monroe, enquanto contraponto entre o estigmatizado e o plenamente reconhecido pela sociedade consumista e alienante. A identidade, neste caso, é marcada por meio de símbolos sexuais femininos, entre eles, a famosa atriz que funciona como um significante importante da diferença e da identidade e, além disso, como um significante que é, com frequência, associado à feminilidade.

Diante do exposto, notamos que essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. Tanto o aspecto social quanto o simbólico são necessários para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são vividas nas relações sociais. Por intermédio de Macabéa, portanto, notamos que conhecer sua identidade implica alcançar a autenticidade do seu ser. Dessa maneira, a personagem central, mais símbolo que indivíduo, constrói-se por meio de traços que permitem caracterizar atitudes filosófico-existenciais. (“Vagamente pensava de muito longe e sem palavras o seguinte: já que sou, o jeito é ser.” (LISPECTOR, 2006, p. 38))

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos, inclusive, sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possíveis aquilo que somos e aquilo em que podemos nos tornar (“- Sou muito inteligente, ainda vou ser deputado”, diz Olímpico para Macabéa). (LISPECTOR, 2006, p. 55). Dessa maneira, a representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas, e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia podem fornecer possíveis respostas às seguintes questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?

Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído ou excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar entre as várias identidades possíveis por um modo específico de subjetividade, tal como a da feminilidade loira e distante ou a da masculinidade ativa e viril, que Olímpico tenta sustentar.

É importante destacar que *A hora da estrela* aborda a realidade brasileira não apenas por trazer traços de parte de nossa cultura vislumbrados na alagoana Macabéa ou no paraibano Olímpico, mas por assenta-se no contexto nacional, onde o indivíduo é visto na sua dimensão universal: alienado, esmagado pela rotina, descaracterizado e perdido no anonimato dos grandes centros urbanos, conforme notamos no diálogo entre Macabéa e Olímpico.

Ela: - Desculpe mas não acho que sou muito gente.

Ele: - Mas todo mundo é gente, Meu Deus!

Ela: - É que não me habituei.

Ele: - Não se habituou com quê?

Ela: - Ah, não sei explicar.

[...]

Ele: - É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. [...] (LISPECTOR, 2006, p. 58)

Lispector (2006) filtra todos os fatos por intermédio de uma consciência que se isola do conjunto para demonstrar a solidão do homem moderno e a falta de ligações mais profundas na sociedade. É importante ressaltar, ainda, que a construção narrativa de *A hora da estrela* nos faz notar que a autora pretende desvendar o mistério que se esconde sob essa casca de simplicidade:

[...] a história me desespera por ser simples demais. O que me proponho contar parece fácil e à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo. Com mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama. (LISPECTOR, 2006, p. 19)

É difícil narrar porque, se Macabéa é um “parafuso dispensável”, como ter esperança de um futuro melhor? Em face dessa situação dramática, só resta ao sujeito mascarar-se, camuflando a verdade de uma existência niilista, marcada pela insensatez e pela absurdidade: “[...] existir é coisa de doido, caso de loucura. [...] Existir não é lógico”. (LISPECTOR, 2006, p. 21) Só lhe resta assumir o seu papel de ator e representar a sua parte no palco iluminado da vida, usando palavras bonitas e vazias ou, como acredita Olímpico, para vencer, para se ter um lugar nesse palco, é preciso matar e mentir. A visão deturpada de Olímpico nos leva a refletir que a vida com justiça deve resguardar a oportunidade de o sujeito tornar-se inteiro em sua individualidade pela certeza da solidariedade de todos. Mas até isso aqueles que vivem à margem da sociedade, às vezes, não conseguem perceber.

Na narrativa, notamos que a personagem central, desde pequena, aprendera a não questionar as imposições do mundo que a cercava e oprimia: “A menina não perguntava por que era sempre castigada mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida”. (LISPECTOR, 2006, p. 32) A ação intolerante do castigo, aplicado ainda na infância, gerou em Macabéa a postura de passividade e aceitação da ordem estabelecida das coisas que ela supostamente conhecia, mas não compreendia: “Nunca se queixava de nada, sabia que as coisas são assim mesmo [...]”. (LISPECTOR, 2006, p. 40) A postura de Macabéa gera a alienação em que o ser humano, acomodado e domesticado, vai aceitando tudo que lhe é imposto. E, assim, manipulado e prisioneiro, o indivíduo vai perdendo a sua identidade e autenticidade, e passa a não ter controle de sua trajetória existencial. Em outras palavras, o ponto de maior impacto na obra de Lispector (2006) consiste no fato de que Macabéa sequer tinha conhecimento de que sua angústia decorria da sonegação de vários direitos inerentes à própria condição humana, o que a levava a adotar uma posição de conformismo em relação à dura realidade por ela enfrentada.

Símbolo de um universo maior, Macabéa representa o bem, o ser puro e inofensivo que vai sendo substituído pelas imposições sociais, ao longo de sua trajetória existencial, sem compreender, de fato, que é humilhada e ofendida por aqueles que vivem à sua volta. Ela também possuía dentro de si um “bicho rasteiro” ao qual desejava retornar: “[...] não queria ser privada de si, ela queria ser ela mesma”. (LISPECTOR, 2006, p. 36-37). E não ser privada

de si é fazer parte da sociedade. Então, “Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra?” Ela não reage, porque é “doce e obediente” e não vê motivos para lutar. (LISPECTOR, 2006, p. 29)

Outro retrato: nunca recebera presentes. Aliás não precisava de muita coisa. Mas um dia viu algo que por um leve instante cobiçou: um livro que Seu Raimundo, dado a literatura, deixara sobre a mesa. O título era “Humilhados e Ofendidos”. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar? (LISPECTOR, 2006, p. 47).

Sendo assim, a narrativa não deixa de demonstrar-nos que a *identificação* (HALL, 1999) marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos; é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações culturais e econômicas e com as políticas de subordinação e dominação.

3 A exclusão do diferente

Segundo Landowski (2012), um sujeito alcança sua identidade ao ser confrontado pelo outro que, antigamente, era o estrangeiro e, hoje, pode ser aquele com quem nos deparamos e que possui um modo de viver diferente do nosso, gerando discursos identitários, às vezes preconceituosos e/ou intolerantes, que podem promover a assimilação, a exclusão, a agregação ou até mesmo a segregação. Sendo assim, o discurso da assimilação tenta transformar o outro em nós à medida que tenta provar que nossa visão de mundo é melhor que a do outro; enquanto o discurso da exclusão propõe a negação do outro. Ambos fundamentam-se na preservação do nós pela assimilação ou exclusão do outro como ameaça a nosso modo de pensar e agir. Já os discursos da agregação e da segregação consideram as diferenças no sentido de que elas possam coexistir. No primeiro caso, as diferenças são conservadas. No segundo, entretanto, devem manter-se afastadas para não se misturarem. Quando esses discursos não são consensuais, podemos notar preconceitos, intolerâncias e resistências.

O discurso da exclusão, que nos interessa neste trabalho, ao mostrar-se preconceituoso ou intolerante, segundo Barros (2015, p. 63-65), porta-se como um discurso de sanção em relação àquele que descumpre certo contrato. No caso de Macabéa, por exemplo, Lispector (2006) sinaliza que a personagem descumpre pelo menos dois contratos, a saber: sua cultura invade a cultura do outro, supervalorizada, maculando-a para alguns; e sua presença sinaliza a impossibilidade de pureza de uma sociedade que se vê invadida por nordestinos, julgados, às vezes, como não cidadãos por uma série de preconceitos - por sua “cor encardida”, sua “fala cantada”, entre outros preconceitos. Essas supostas características negativas os tornam passíveis de punição. No caso de Macabéa, a punição gira em torno da perda do emprego, dos seus direitos, e a própria morte pode ser vista como tal. Barros (2015, p. 65) informa-nos, ainda, de que o discurso da exclusão, em relação ao diferente, pode articular-se, inclusive, em torno do medo. Em suas palavras: “[...] aquele que rompe pacto e acordos sociais, por não ser humano, por ser contrário à natureza, por ser doente e sem ética ou estética, e que, por isso mesmo, é temido, odiado, sancionado negativamente e punido.”

Em *A hora da estrela*, notamos que os discursos intolerantes carregam em si paixões que demonstram má vontade ou hostilidade, raiva, ódio, desejo de fazer mal, de ferir, de alguma maneira, Macabéa por não cumprir o contrato social. A sanção que a personagem experimenta é explicitada na rudeza e insensibilidade dos comentários que lhe são dirigidos por todos os demais personagens. Até aqueles que tentam em princípio estabelecer empatia com a protagonista, dirigem-lhe simultaneamente palavras lacerantes que expõem cruamente o quanto a personagem é inadequada no contexto social. Há, nessa característica da narrativa, certa dose de sadismo, como se Macabéa merecesse a tortura que lhe atribuem todos aqueles com os quais convive, quase como coerente punição por sua condição desfavorável.

Na narrativa, notamos que, na fase da intolerância propriamente dita, Glória e até mesmo Olímpico procuram desumanizar Macabéa ao tentar demonstrar sua anormalidade como diferente, tanto do ponto de vista físico, quanto mental. Como vimos, a personagem é retratada como uma mulher feia, sem atrativos e, por isso, ela é esteticamente condenada também. (- “[...] Escuta aqui: você está mesmo fingindo que é idiota ou é idiota mesmo?” Diz Olímpico; “- Você endoidou, criatura? Pintar-se como uma endemoniada? [...]” Diz

Glória) (LISPECTOR, 2006, p. 76) As falas de Glória e Olímpico, como caráter de não aceitação da diferença, implicam a anormalidade de Macabéa, gerando discursos que podem promover a oposição semântica entre igualdade ou identidade e diferença ou alteridade.

De acordo com Barros (2015, p. 64),

O sujeito do ódio em relação ao estrangeiro, ao diferente, aos “maus” usuários da língua, é também o sujeito do amor à pátria, à sua língua, ao seu grupo étnico, aos de sua cor, à sua religião, ou seja, complementam-se as paixões malevolentes do ódio em relação ao “diferente” e as paixões benevolentes do amor aos “iguais”.

Nesse paradoxo, podemos dizer que, na relação entre as classes sociais, Macabéa, em sua origem nordestina, é estigmatizada nessa sociedade capitalista que não nota que esses migrantes também constroem a sociedade em questão e, portanto, devem gozar de uma parte das benesses atribuídas à maioria bem nascida e detentora do poder nesse espaço social. E como Macabéa não se vê como elo da experiência de construção dessa sociedade, ela se porta como um animal fora de seu *habitat*, pois “[...] faltava-lhe o jeito de se ajeitar”. (LISPECTOR, 2006, p. 27)

Diante do exposto, a exclusão social de Macabéa, do ponto de vista narrativo, configura-se como percurso da sanção em duas etapas: uma cognitiva e uma pragmática. Macabéa é excluída cognitivamente da sociedade por ser julgada anormal, doente ou feia, por não se expressar de forma clara e coerente e, dessa exclusão cognitiva e afetiva, decorre sua exclusão pragmática, com as punições que recebe: é ignorada, ameaçada de perder o emprego, desrespeitada, atropelada e, sem socorro algum, morre (na sanção pragmática, as “paixões malevolentes do ódio” podem ser intensificadas com a morte). Morte que desnuda, pelas veredas da intolerância, do preconceito e da exclusão, a problemática da desigualdade, principalmente, sociocultural que se instala nos grandes centros urbanos, que permitia à mulher a igualdade unicamente na morte.

Notamos também que Macabéa não cumpre o contrato de branquear a sociedade e de conservar sua normalidade e caráter humano e, por isso, é sancionada negativamente. A exclusão ocorre, na sanção cognitiva que exclui os nordestinos do grupo da gente da capital

- os iguais, os inteligentes. No discurso intolerante, o “nordestino não é gente”. Daí talvez a busca incansável de Olímpico por ascensão ao trocar, inclusive, Macabéa por Glória, “carioca da gema”.

Dessa forma, isolado e acuado, enquadrado em um esquema de vida inócuo e absurdo (“Sinto que vivo para nada [...]”, diz o narrador), o indivíduo é, paradoxalmente, um solitário: vive em meio às massas, mas ninguém o nota - perdido que está no anonimato. O seu grito desesperado não é escutado; ao seu lado permanece apenas o silêncio da insensibilidade.

Delineada assim, a vida, na narrativa, mostra-se como um ofício cansativo e alienante. A monotonia das ações repetitivas e rotineiras do dia a dia geram desespero e cansaço, como diz o narrador-personagem: “Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias”. (LISPECTOR, 2006, p. 22) Diante dessa situação pungente, descaracterizado e desfigurado, coisificado pelas ações repetitivas da rotina, o indivíduo para completamente de pensar.

A partir dessas colocações, Barros (2015) mostra-nos a exclusão do outro, do ponto de vista narrativo, como um percurso de sanção tanto cognitiva quanto pragmática. Se tomarmos Macabéa como exemplo, por ter dificuldades para se relacionar socialmente, é excluída cognitivamente e afetivamente por ser “esquisita”, um “parafuso dispensável”. (LISPECTOR, 2006, p. 33). Dessa exclusão, decorre sua sanção: a perda do namorado e a ameaça de ser despedida por errar muito e sujar todo o papel. Logo, provém também sua exclusão pragmática com sua morte.

O não reconhecimento das pessoas que vivem à margem da sociedade demonstra-nos, na obra de Lispector (2006), que elas são representativas da situação alienada dos indivíduos das grandes cidades e que as desigualdades regionais são também fatores responsáveis pela alienação da personagem. Macabéa, portanto, é o espelho dessas pessoas que se apresentam inadaptadas a um mundo sem autenticidade e repetitivo – como as teclas da máquina que ela bate repetidamente todos os dias – que as despersonaliza. Como descumpridora de um contrato social ao invadir a cultura do outro, representa, portanto, o sujeito em face da

sociedade elitista, técnica e consumista. É o sujeito dos grandes centros, acomodado e domesticado, incapaz de conduzir a sua própria trajetória existencial. E, por ser pura e inofensiva, ela vai sendo manipulada ao longo de sua vida. E as consequências desse processo são a descaracterização, a desfiguração, a despersonalização. E, como sanção, sofre preconceito, é devorada, esmagada e carcomida pelas imposições da sociedade de consumo, perdendo o direito à própria individualidade e à vida. Nesse sentido, é interessante observar, ainda, que, na sua trajetória pela cidade, até o próprio nome Macabéa é engolido, passando a Maca, até ser finalmente tragada por um elemento típico da sociedade técnica, voltada para o consumo: o carro de luxo.

Considerações finais

A hora da estrela, analisada pelo viés de Barros (2015), permite-nos notar que a identidade é relacional, pois a identidade nordestina depende de outra identidade (neste caso, a carioca) que fornece condições para que ela exista. A identidade nordestina distingue-se por aquilo que ela não é; marcada, portanto, pela diferença que é sustentada pela exclusão: se você é nordestino, não pode ser carioca e vice-versa. Essa marcação da diferença não deixa de ter seus problemas e um deles é o fato de que a asserção da diferença entre nordestinos e cariocas ou paulistas envolve a negação de quaisquer similaridades entre os grupos.

Não houvesse a obra de Lispector (2006) sido publicada com mais de uma década de antecedência da publicação da nossa Constituição, poderia haver quem justificadamente defendesse a impressão de que a autora teria se inspirado em tal elenco para descrever as privações experimentadas por Macabéa em sua trajetória, em tom quase que didático ou exemplificativo a fim de mostrar que o ser humano é inteiro em sua dimensão plural e faz-se único em sua condição social. Igual em sua humanidade, o sujeito desigualava-se e singularizava-se em sua individualidade. E o direito à vida deve contemplar a unidade e pluralidade do sujeito, feito *persona* em todas as suas presenças e até mesmo em suas ausências. Em outras palavras, a obra mostra-nos, ainda, o paradoxo sobre o qual se constrói nossa identidade. Precisamos do outro, do outro na sua diferença, para tomar consciência de nossa existência, mas, ao mesmo tempo, desconfiamos dele, sentimos a necessidade de rejeitá-lo ou de torná-

lo semelhante a nós para eliminar essa diferença: se o rejeitarmos, maior é a possibilidade de nos vermos diferentes; se o tornarmos semelhante, nossas particularidades desaparecem. E, como possibilidade para resolver esse impasse, Lispector (2006) anuncia que “[...] todos nós somos um [...]”. (LISPECTOR, 2006, p. 10)

Referências

ALENCAR, J. de. *Lucíola*. Fortaleza: Ed. Armazém da Cultura, 2011.

BARROS, D. P. de. Intolerância, preconceito e exclusão. In: LARA, Gláucia Proença; LIMBERTI, Rita Pacheco. (Orgs.) *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 61-78.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 2012.

BRASIL. *Declaração universal dos direitos humanos*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 2010.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LANDOWSKI, E. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.

Recebido em: 27/09/2016

Aceito em: 06/12/2016